

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em artes - Curso de Especialização em
Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV

Auxiliadora Maria Fernandes

A CERÂMICA DAS MULHERES DO VALE DO JEQUITINHONHA:
objeto de transformação

Belo Horizonte
2023

Auxiliadora Maria Fernandes

A CERÂMICA DAS MULHERES DO VALE DO JEQUITINHONHA: objeto de transformação

Monografia de especialização apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. João Augusto Cristeli

Belo Horizonte
2023

Ficha catalográfica
(Biblioteca Prof. Marcello de Vasconcellos Coelho - EBA- UFMG)

707
F363c
2023

Fernandes, Auxiliadora Maria, 1963-

A cerâmica das mulheres do Vale do Jequitinhonha [recurso eletrônico] :
objeto de transformação / Auxiliadora Maria Fernandes. – 2023. 1
recurso online.

Orientador: João Augusto Cristeli.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Artes - PPG-Artes, do Curso de Especialização em Ensino de
Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas
Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para
a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e
Tecnologias Contemporâneas. Inclui bibliografia.

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Mulheres artistas. 3. Cerâmica –
Jequitinhonha, Rio, Vale (MG e BA). I. Cristeli, João A., 1958- II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

SEI/UFMG - 2527201 - Ata



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS



FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: AUXILIADORA MARIA FERNANDES, Nº. DE REGISTRO: 2021695462.

TRABALHO FINAL: "A CERÂMICA DAS MULHERES DO VALE DO JEQUITINHONHA OBJETO DE TRANSFORMAÇÃO".

Trabalho de Conclusão da Especialização apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

APROVADO em 13 de julho de 2023, pela Banca Examinadora constituída pelos Membros:

Prof. Dr. João Augusto Cristeli de Oliveira (Orientador/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)

Profa. Dra. Juliana Gouthier Macedo (Membro da Banca Examinadora/ CEEAV/ PPG Artes/ EBA/ UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **João Augusto Cristeli de Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 08/08/2023, às 13:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Gouthier Macedo, Professora do Magistério Superior**, em 17/08/2023, às 09:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

25/08/2023, 18:28

SEI/UFMG - 2527201 - Ata



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2527201** e o código CRC **2ADFF3F7**.

Referência: Processo nº 23072.243813/2023-49

SEI nº 2527201

*Às mulheres artesãs e artistas do Vale.
À minha mãe e minhas avós também do Vale.*

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão a Universidade Federal de Minas Gerais. Aos professores do curso, ao orientador prof. Dr. João Augusto Cristeli.

Agradeço especialmente as mulheres criativas do Vale.

“Eu aprendi a mexer com o barro com a minha mãe, que também aprendeu com a mãe dela (D. Carlota), que também aprendeu com a mãe dela. Primeiro eu começava a fazer as bonequinhas, pra gente brincar, as panelinhas. Olhava os meninos e ia mexendo com o barro e nisso fui crescendo e a ideia da gente vai crescendo também. A gente ia inventando mais coisa. O povo gostava. Depois que a gente acabou de criar, eu continuei sempre nesse serviço. E fui fazendo a ideia e modificando. Fazer essas cores do barro para colorir os barros uns aos outros, foi minha ideia mesmo. Pegar o Barro e apurar para fazer o colorido. Pegava e fazia e continuava.”

D. Vitalina Pereira Xavier-Artesã

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o estudo e pesquisa das cerâmicas feitas pelas mulheres do Vale do Jequitinhonha localizado no norte do estado de Minas Gerais. E como a cerâmica de forma artesanal acompanha a história dessas mulheres, possibilitando mudar a realidade de suas famílias, enxergando na cerâmica o sustento para a família, sendo as provedoras de seus lares e filhos. O estudo que aqui se dá, nos revela a esperança, a transformação na vida dessas mulheres e o reconhecimento de suas cerâmicas como arte popular que modifica a realidade financeira, de abandono (por seus maridos) e do meio social revertendo essa situação. Por um lado, a cerâmica as faz perceber seus próprios conceitos em referência a arte e artesanato, usando as técnicas acessíveis artísticas dentro da própria realidade do vale e da própria matéria prima existente “nos barrancos” do vale – a argila – um tesouro natural para elas. Dessa forma desenvolvem as aptidões plásticas próprias de cada uma e fazem desse conhecimento uma rede de solidariedade entre elas transmitindo e propagando entre si e por entre as gerações o fazer da cerâmica. Uma vez que suas peças de cerâmicas são reconhecidas como arte popular, ganham notoriedade e passam a ser convidadas para feiras artesanais, museus e instituições, ganhando projeções nacionais. Dessa arte coletiva colocam em destaque algumas artesãs que passam a serem reconhecidas como artistas e autores individuais com características próprias e pensamento original.

Palavras-chave: cerâmica; mulheres; arte popular; artesã; artista; Cultura.

ABSTRACT

The objective of this work is the study and research of ceramics made by women from Vale do Jequitinhonha located in the north of the state of Minas Gerais. And how pottery in an artisanal way accompanies the history of these women, making it possible to change the reality of their families, seeing in ceramics the livelihood for the family, being the providers of their homes and children. The study given here reveals hope, the transformation in the lives of these women and the recognition of their ceramics as popular art that changes the financial reality, abandonment (by their husbands) and the social environment, reversing this situation. On the one hand, ceramics make them realize their own concepts in reference to art and craftsmanship, using accessible artistic techniques within the reality of the valley and the raw material existing “in the ravines” of the valley – clay – a natural treasure for them. In this way, they develop their own plastic aptitudes and make this knowledge a network of solidarity between them, transmitting and propagating among themselves and between generations the making of ceramics. Once her ceramic pieces are recognized as popular art, they gain notoriety and are invited to craft fairs, museums and institutions, gaining national exposure. From this collective art, some craftswomen stand out who are now recognized as individual artists and authors with their own characteristics and original thinking.

Keywords: ceramics; women; popular art; craftswoman; artist; Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Alto Jequitinhonha, Médio Jequitinhonha e Baixo Jequitinhonha	14
Figura 2 - Artesã do Vale do Jequitinhonha – Zezinha	18
Figura 3 - Artesanato “Boneca Amamentando” - Maria José Gomes da Silva	19
Figura 4 - Detalhe do artesanato “Boneca” – Maria José Gomes da Silva	20
Figura 5 e 6 - Detalhe do artesanato “Boneca” - Maria José Gomes da Silva	20
Figura 7 - Variedades do artesanato, bonequeiras, ceramistas, mulheres do vale: Zezinha, Dona Isabel, Lira Marques, Rosana Pereira, Noemisa Batista.....	21
Figura 8 - Mestre do Vale do Jequitinhonha D. Izabel Mendes da Cunha.....	22
Figura 9 – Dona Isabel Menezes. Exposição Histoire de Voir.....	24
Figura 10 - Dona Isabel - Prêmio da Unesco	24
Figura 11 e 12 – Pigmento de barro - Lira Marques	25
Figura 13 - Lira Marques na Mostra - Meus bichos do sertão	25
Figura 14 - Lira Marques – Participação Saberes Plurais / UFMG	26
Figura 15 e 16 – Obras de Iza Matos	28
Figura 17 e 18 – Obras de Maria Goreth -	29
Figura 19 - Rita Gomes e Filha Georgina Gomes - Associação dos Artesãos	34
Figura 20 e 21 - Deuzani Gomes - O barro bruto e queima das peças.....	35
Figura 22 – Artesã - Deuzani Gomes dos Santos.....	35
Figura 23, 24 e 25 - Transmissão de conhecimento / Três Gerações	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 METODOLOGIA	11
3 FUNDAMENTAÇÃO	14
3.1 O vale e as mulheres	14
3.2 A transformação a partir da cerâmica	30
3.3 Transmissão do saber popular por gerações	33
4 O RECONHECIMENTO	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um estudo de uma vertente da cultura regional brasileira, mais especificamente do norte de Minas Gerais feito através de pesquisas; tendo a mulher artesã/artista do Vale do Jequitinhonha no centro e a riqueza cultural da região promovida através do barro - a cerâmica. O tema escolhido e a abordagem são a partir da cerâmica produzida por elas, como também o seu modo de vida, e como esse modo de vida influencia e caracteriza as peças produzidas. A cerâmica dessas mulheres destaca em suas falas ao entrevistá-las, as percepções que elas sentem ao afirmar uma mudança em suas vidas por melhorias para si e suas famílias. A pesquisa surge do interesse no tema – A cerâmica das mulheres do vale do Jequitinhonha e a aplicação desse aprendizado na arte popular, devido às minhas raízes afetivas: familiares naturais do vale como às minhas avós – Mestre Joana, professora e fundadora da primeira escola em “Itaboré” / hoje cidade de Coronel Murta e Luzia Emília Murta dona de generosidade e história contadas, narradas da vida no vale, minha mãe, meu pai e familiares. O vale transmite uma ancestralidade dos meus parentes como forma de afetividade pelo lugar, pelo barro, o cheiro, os costumes, a simplicidade de um povo alegre, de pés no chão, de viver e enfrentar a realidade cotidiana, ter antes de tudo coragem na vida, uma herança de lembranças de avós, mãe, pai e tias. Uma viagem ao passado no qual não estava presente, mas, porém, aguça a imaginação e retorna à realidade dos dias atuais, uma história do passado para o presente.

Eu aprendi a mexer com o barro com a minha mãe, que também aprendeu com a mãe dela (D. Carlota), que também aprendeu com a mãe dela. Primeiro eu começava a fazer as bonequinhas, pra gente brincar, as panelinhas. Olhava os meninos e ia mexendo com o barro e nisso fui crescendo e a ideia da gente vai crescendo também. A gente ia inventando mais coisa. O povo gostava. Depois que a gente acabou de criar, eu continuei sempre nesse serviço. E fui fazendo a ideia e modificando. Fazer essas cores do barro para colorir os barros uns aos outros, foi minha ideia mesmo. Pegar o Barro e apurar para fazer o colorido. Pegava e fazia e continuava.

D. Vitalina Pereira Xavier-Artesã

O ponto de partida como objeto de estudo será a cerâmica, partindo para compreensão do processo em si e de pesquisa, da matéria prima, das possibilidades plásticas, relatos, entrevistas com as artistas do Vale, seu modo de vida, o modo de fazer que foi de gerações, o reconhecimento como arte popular, a distinção de

artesão para artista do ponto de vistas delas, a cerâmica como objeto de mudança para melhoria na qualidade de vida de suas famílias. A pesquisa, portanto, será voltada para a cerâmica dessas mulheres do vale na qual se torna em objeto transformador em momentos difíceis e apaziguador para o sustento das famílias em momento propício. Vou falar sobre as histórias de vida, costumes e cultura dessas mulheres, assim como o saber popular das artesãs na fabricação da cerâmica e as etapas envolvidas e a possibilidades de levar esse conhecimento adiante. Através da história que envolve a região, o modo de vida da população, costumes, o processo como ocorre a produção da cerâmica e sua utilização local e a hipótese de contribuição social também para a região. A partir da história e pesquisa, entenderemos esse processo das artes plásticas através do uso de argila/barro juntamente com o contexto histórico e cultural vivenciado pela população local e dos conhecimentos passados de mães para filhas, de gerações para gerações. Da aplicação do barro / argila em suas vidas, identificamos a história dessas mulheres como importante passo de emancipação social, financeira e mantenedora de suas posições no âmbito familiar e social da região.

Dentre os objetivos deste estudo buscamos verificar as questões que mantêm as mulheres do Vale do Jequitinhonha, sua identificação e reconhecimento que distingue essas mulheres como artesãs / artistas da região, a transformação nas suas vidas, agregando conhecimentos e saberes populares para comunidade, permitindo expandir esses saberes. Também como objetivo conferir o que as mulheres fazem, transformam e revelam através da arte a partir do barro, revelar quem são e como vivem, constatar como a cerâmica contribuiu para diminuição da carência social e propagação da riqueza cultural da região; observar a importância desse saber da arte popular, característico como um agregado e aprendizado popular.

2 METODOLOGIA

A partir de publicações de relatos das mulheres do Vale do Jequitinhonha que descreviam as dificuldades das condições financeiras, migração dos maridos para os centros urbanos em busca de trabalhos – êxodo, e conseqüentemente o abandono vivido por elas e seus filhos, algo que as levaram a perceber a necessidade de produzirem artesanato para conseguirem alguma forma de renda, conseqüentemente uma tentativa de superar a pobreza¹. Referente ao pensamento das mulheres do Vale, conforme afirma Maurício Nahas (2016) em seu documentário, foi através do elemento tirado da natureza que perceberam uma possibilidade de superação – o barro. Parte da vontade de conseguir viver em uma posição digna com suas famílias e buscando fixar alguma atividade que tenham conhecimento e reconhecimento para garantir suas sobrevivências como aponta no documentário “Do pó da terra” (2015), que mostra a descoberta da produção através da cerâmica. Entendemos que as mulheres do Vale do Jequitinhonha ao organizar seus próprios negócios, superaram parte de suas dificuldades, promovendo benefícios entre a riqueza cultural, social e econômica da região. O desemprego, a seca, a taxa de mortalidade, o alcoolismo, violência e o solo condenado pela monocultura do eucalipto fizeram com que o Vale do Jequitinhonha recebesse um dia o apelido de Vale da Miséria. Por outro lado, foi nesse lugar em meio a esse sofrimento que se tornou o palco da criação das mulheres artesãs. São mulheres, criaturas do sertão, livres nas suas imaginações, que vivem a criar outras gentes, outras formas, outras cenas que muitas vezes se tornam realidade, que transcendem a realidade da própria vida, uma espécie de sonho que se realiza das mãos cheias de barro fazendo fantasias idealizadas, transcendendo a riqueza de pertencimento de uma região rica de matéria prima, conhecimentos, costumes locais e autores de suas próprias histórias.

Nessa região um dia apontada de sofrimento, se tornam chefes de família, driblam a pobreza, a falta de perspectiva, o abandono dos companheiros que por conta do desemprego – êxodo e não voltam mais, comenta Emanuel Araújo diretor do Museu Afro Brasil em comemoração aos 11 anos do museu com uma Exposição

¹ Fonte: www2.ufmg.br/polojequitinhonha/Noticias/Transformando-barro-em-sonhos.

fotográfica *Do Pó da Terra* (2015), com imagens do livro e filme de mesmo título *Do Pó da Terra* (2017) que retrata a vida e obras dos artistas do Vale do Jequitinhonha através da cerâmica.

Ângela Masceleni (2013 – *Caminhos da Arte Popular*) aponta que as artesãs / artistas do Vale do Jequitinhonha encontraram a chance de sustento para a família através da arte coletiva e da arte popular.

Em entrevistas com as artesãs (coletivo), elas destacam ao relatarem as dificuldades de suas condições financeiras que levaram os maridos e companheiros migrarem para os três maiores centros urbanos brasileiros em busca de trabalhos - Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. O que resultou em um abandono vivido por elas e seus filhos. Assim, na tentativa de superar esta situação instaurada, estas mulheres tiveram a necessidade urgente e imediata de produzir artesanato para conseguir uma fonte de renda. Referente ao pensamento dessas mulheres, conforme afirma Maurício Nahas (2016), foi através do elemento retirado da natureza que perceberam uma possibilidade de superação – o barro. Parte desta vontade de conseguir viver em uma posição digna com suas famílias e buscando fixar alguma atividade em que tivessem conhecimento e reconhecimento para garantir suas sobrevivências, como mostra a descoberta da produção através da cerâmica, o documentário “Do pó da terra” (2016). Entendemos que estas mulheres do Vale do Jequitinhonha estão abrindo ou organizando seus próprios negócios, superando parte de suas dificuldades.

Outros embasamentos aplicados para a pesquisa além de entrevistas com as artesãs apenas para confirmar o material (textos e vídeos citados), foram visitas em museus como o Centro Mineiro de Arte Popular – CAP com exposições permanentes de artistas do vale e exposições temporárias com a presença das artesãs do vale e Museu Memorial Minas Gerais Vale atestando a presença feminina na produção de peças de cerâmicas reconhecidas e valorizadas.

Podemos dividir a pesquisa em duas etapas. Na primeira, o propósito era o levantamento de dados a respeito do tema - pesquisas de boletim, periódicos, reportagens - e simultaneamente a busca por teóricos que embasaram, dando assim suporte ao trabalho e tornando o mesmo crível. A partir daí, no segundo momento, buscamos averiguar a veracidade dos dados, bem como testar a teoria e a

possibilidade dela em termos práticos. O trabalho de campo se deu de maio de 2016, julho de 2017 e maio de 2023, onde as ceramistas foram entrevistadas, fotografadas e filmadas, tudo isso se deu durante a Feira de Artesanato e Cerâmica do Vale do Jequitinhonha da UFMG, (maio 2016, maio 2017 e maio de 2023), Feira Nacional de Artesanato, (dezembro de 2022). O material qualitativo foi utilizado na pesquisa de campo apenas para confirmar fontes pesquisadas.

3 FUNDAMENTAÇÃO

Para realização e entendimento do tema foi realizado entrevistas estratégicas em feiras, apresentações e explanações de artesãs, abertura de exposições; ou seja, onde houvesse alguma possibilidade de encontrá-las para conhecê-las. Foi através das entrevistas em sua maioria que permitiu o conhecimento de suas histórias e trajetórias e assim ser possível entender um pouco da presença e importância da cerâmica em suas vidas.

3.1 O vale e as mulheres

Buscando alguns pontos estatísticos regionais quanto aos índices do Vale do Jequitinhonha, partimos dos indicadores de desenvolvimento como o PIB – Produto Interno Bruto², índices de taxa de crescimento e que desconsideram fatores sociais e ambientais que são ocultados por indicadores monetários, para que possamos verificar estatisticamente a população local. O resultado é a representação de um país, estado ou região por sua produção material, ressaltando as riquezas humanas e culturais. Desde a criação, em 1990, dos primeiros Indicadores de Desenvolvimento Humano (IDH), instituições internacionais, empresas e ONGs buscam uma maneira de compensar, ou completar, os indicadores monetários por sociais, ambientais, até mesmo éticos. O IDH foi criado com a intenção de abordar o desenvolvimento humano. O índice considera longevidade (saúde), renda e educação. Todos os itens de enorme importância, entretanto, ainda assim, deixam passar despercebidos essas comunidades que contornam seus problemas com criatividade e muito trabalho.

Figura 1 - Alto Jequitinhonha, Médio Jequitinhonha e Baixo Jequitinhonha



Fonte: Portal Polo Jequitinhonha. Pró Reitoria de Extensão UFMG.

² Censo Demográfico Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O Vale do Jequitinhonha é uma mesorregião com cerca de 62,9 mil km², onde vivem 977,8 mil pessoas — de acordo com o Censo Demográfico - 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) — com um PIB total que corresponde a menos de 2,0% do PIB estadual. Não sendo reconhecido por meio destes dados o Vale possui outro desenvolvimento humano; o histórico e cultural. Discursos enfatizando a condição de dificuldades da região desconsideram a região com as outras formas de interpretar como a riqueza cultural e histórica como a possibilidade também da cultura popular. Cultura esta que gera renda e desenvolvimento humano, para quem é do Vale e para quem visita a região promovendo o turismo.

Dos pontos estatísticos da história de vida do Vale do Jequitinhonha, diversos são os fatores que fazem esta região ser lembrada entre fatos históricos. O alto do Jequitinhonha foi um dia terra rica em ouro e diamantes, fato este que chamou a atenção dos Bandeirantes. A primeira descoberta de ouro foi no final do século XVII, na cidade do Serro. Com isso, nas regiões próximas à cidade histórica de Diamantina instalaram os primeiros núcleos mineiros. A qual é hoje a região mais rica do Vale e a que apresenta melhores indicadores humanos e econômicos, além de intenso turismo, principalmente devido ao seu grande número de cachoeiras. Já o médio e baixo Jequitinhonha era coberto por floresta Atlântica, bem como povoado por tribos indígenas. Nos primeiros anos do século XVII iniciou-se ali uma busca de terras propícias à pastagem. Numa disputa entre mão armada e flechas, os vaqueiros derrubaram a floresta, no lugar surgindo o capim colônia, restando um solo velho, cansado, surrado e compactado pelo pisar dos animais, queimadas e estiagens. Ocasionalmente com o fato do solo improdutivo ocorreu a migração dos homens em busca de trabalhos para os centros urbanos. Esposas e filhos foram abandonados permanecendo na região; explicando o surgimento dos termos: Viúvas de Marido-Vivo³ e/ou Viúvas da Seca.

As mulheres em busca de fonte de renda acharam a solução no único recurso abundante dali; a terra seca, o barro dos barrancos. Foi na fonte vinda da

³ Viúvas de maridos vivos era como eram chamadas as mulheres do Vale do Jequitinhonha que perdiam seus maridos, seja porque tinham oportunidade de novos trabalhos e nunca mais voltavam ou porque as abandonaram. Fonte: Noivas da seca – Cerâmica Popular do Vale do Jequitinhonha /Lalada Dalgis.

terra seca onde encontraram o barro assim nomeado pela linguagem da região (argila conhecida nas artes plásticas); a matéria prima para fazer vasilhas, potes, panelas e futuramente bonecas, animais e objetos. E assim “da terra seca onde não nasce nem um pau de flor, começaram a brotar bonecas de barro” (ditado popular da região), conhecimento que atravessou gerações, transmitido de mãe para filha e netas. No início os produtos fabricados eram utilitários, e muitas vezes nem eram vendidos, trocados em feiras por alimentos e outros itens básicos, em forma de escambo. O caminho para elas foi árduo, muitas vezes mães e filhas peregrinavam de madrugada com as peças, a pé ou de burro, para pegar o caminhão que as levaria à cidade para vender as peças. (SAGARANA, 2013). As histórias dessas mulheres são histórias de humildade e superação, cujo “roteiro” se modificou com o tempo, mas que ainda carece de atenção. Vemos tipos dos mais diversos, com registros de memória da trajetória de suas vidas, muitas vezes solitária, porém com a ajuda das outras “viúvas de maridos vivos” que mantinham viva a certeza de que algo poderia ser feito. Em meados de 1994 as artesãs se reuniam em Campo Alegre e sabiamente perceberam que não tinham a mesma força e voz sozinhas que quando unidas. A partir daí começaram a se reunir sempre e onde fosse possível — desde a rua à porta da igreja. Discutiam formas de melhorar o artesanato, a renda e o mutirão de mulheres construíram a primeira sede da associação, no início mais de 40 mulheres e aumentando hoje em dia para mais. Essas mãos que levantaram paredes são as mesmas que hoje dão vida ao barro moldando flores e bonecas, dando vida ao comércio do artesanato da região.

Abaixo, relato da artesã do Vale do Jequitinhonha, Anísia Lima de Souza moradora de Turmalina:

Levantamos paredes, alguns zombavam da gente, outros passavam e nos animavam e davam dicas “pra” nós. Essa rotina era feita aos sábados. Mal retornavam o trabalho já começava. Quando tudo acabava, já era outro dia de feira. Segunda tirava o barro, socava, amassava, tinha que produzir tudo na semana. Sexta queimava. Tirava de madrugada mesmo, embalava com capim, folha de banana.

Aí punha nesse saco de fibra, punha na cabeça e ia embora. (SAGARANA, 2013)

Várias são as artesãs locais no cenário geográfico do Vale do Jequitinhonha, nas cidades e municípios produzindo, onde parecem esculpir suas próprias vidas. Conforme o Museu do Pontal - Ângela Mascelani e lista publicada, destacamos:

Mestra Isabel Mendes da Cunha – Santana do Araçuaí/Ponto dos Volantes

Mestra Maria José Gomes da Silva (Zezinha) – Campos do Buriti

Deuzani Gomes dos Santos – Coqueiro do Campo/Minas Novas

Maria Aparecida Gomes Xavier – Campo Alegre/Turmalina

Durvalina Gomes Francisco – Campo Alegre/Turmalina

Raimunda Almeida Martins (Mundinha) – Itamarandiba

Djalina Rodrigues de Oliveira – Santana de Araçuaí

Rosa Gomes da Silva – Campo Alegre/Turmalina

Isabel Rodrigues Martins – Taiobeiras

Ana Rodrigues dos Santos – Carai

Olinta Teixeira dos Santos – Carai

Rita Ferreira – Coqueiro Campos

Rita Ferreira – Coqueiro Grande

Ana do Baú – Minas Novas

Inaguimar Moreira – Itinga

Ana do Baú – Minas Nova

Margarida Pereira – Carai

Noemisa Batista – Carai

Rosana Pereira – Carai

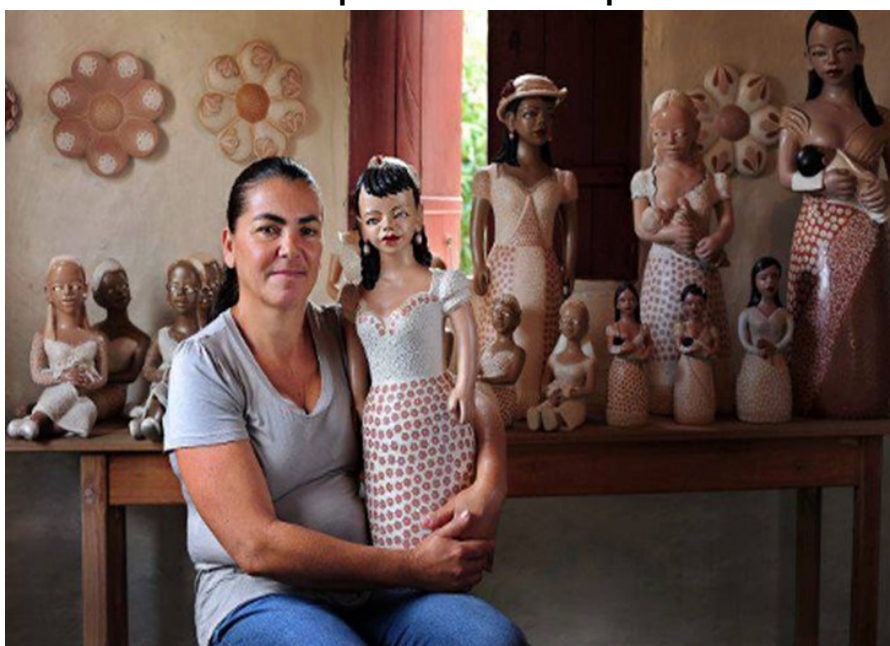
Lira Marques – Araçuaí

Ana Teixeira – Carai

Elia Teixeira – Carai

Maria José Gomes da Silva uma das entrevistadas na Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha - UFMG/2017; comumente conhecida como Zezinha, é atualmente uma das mais prestigiadas da região, teve reconhecimento como artista e os seus trabalhos foram expostos na sede da ONU, em Nova York, em 2013 representando as mulheres artistas do vale na Exposição Mulher Artesã Brasileira.

Figura 2 - Artesã do Vale do Jequitinhonha Maria José Gomes da Silva, conhecida por Zezinha. Campo Buriti/MG



Fonte: Arte Popular do Brasil -. Disponível em <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/search/label/zezinha?m=1>

Maria José Gomes (fig. 2) em entrevista afirma que sua vida está no oleiro e com paixão, como a grande maioria das ceramistas do Vale. Começou desde cedo, fazendo peças utilitárias, pois é a primeira de uma família de 10 filhos. Na época, o artesanato era a única opção para conseguir comprar o “pão de cada dia”. A qualidade dos trabalhos foi melhorando aos poucos, assim como foi também a esperança das mulheres em poder, um dia, viver do artesanato e formarem uma associação entre elas. Passavam conhecimento umas às outras, trocando informações, e compartilhando entre si as experiências dos trabalhos com o barro. A ‘lida’ era grande, pois era preciso produzir as peças durante a semana, embalar cuidadosamente e ir para o ponto de encontro dos artesãos com as peças na cabeça, na esperança de vendê-las. Quando Zezinha completou vinte anos, casou-se pensando que sairia daquela vida difícil. Depois de casada, Zezinha pensou em

deixar o barro, mas o dia ficava grande demais, principalmente quando Ulisses, seu companheiro, ia trabalhar nas usinas de cana. Ao vermos uma peça dela percebemos o capricho das suas noivas e como são adornadas, conseguimos entender a ideia de salvífico que o casamento representa para as mulheres do Vale. A riqueza de detalhes dos vestidos, o sorriso e a esperança de uma vida menos sofrida saltam aos olhos nessas bonecas-mulheres.

Figura 3 - Artesanato “Boneca Amamentando” - Maria José Gomes da Silva. Campo Buriti/MG



Fonte: Saberes Plurais – UFMG

**Figura 4 - Detalhe do artesanato “Boneca” - Maria José Gomes.
Campo Buriti/MG**



Fonte: Saberes Plurais – UFMG

**Figura 5 e 6 - Detalhe do artesanato “Boneca” - Maria José Gomes da Silva.
Campo Buriti/MG**



Fonte: Saberes Plurais - UFMG

Figura 7 - Variedades do artesanato, bonequeiras, ceramistas, mulheres do vale: Zezinha, Dona Isabel, Lira Marques, Rosana Pereira, Noemisa



Fonte: Arte Popular do Brasil - . Disponível em <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/search/label/zezinha?m=1>

Uma das pioneiras entre as artistas do Vale do Jequitinhonha – senhora Izabel Mendes da Cunha (MÃOS MOLDES, 2017) – considerada pelos artistas da região como mestra e criadora das primeiras e famosas noivas de cerâmica que caracterizam a arte local, começou o trabalho com a argila quando criança, incentivada pelo desejo de ter uma boneca e por ver sua mãe e avó fazerem panelas e potes. Dona Izabel Cunha, conforme documentário “Do pó da Terra” (2015), afirma:

Eu prefiro mais o artista que o artesão”, afirmava Dona Izabel que preferia ser chamada de artista que de artesã. Quanto à sua técnica diz “É uma coisa que a gente não sabe nem falar. É um pensar da gente ali que tá parecendo aquilo que a gente tá pensando fazer...são duas formas...são as mãos da gente. (NAHAS, 2016)

Isabel Mendes da Cunha ainda afirma:

Quase todo mundo que for fazer faz, mas agora, fazer uma boneca igual que fosse uma gente, sem ser, nunca ouvi falar. Pura ideia da pessoa. Imaginação. Faz uma boneca, faz outra formatura de outra coisa. Pensei: eu vou fazer uma coisa assim. Você pega aquilo e faz sua ideia. Você nunca ouviu falar. (MÃOS MOLDES, 2017)

A história de Dona Izabel ressalta bem o quão importante é para as artistas buscarem o apoio de políticas públicas que alavanquem a sua arte, desta forma elas conseguiriam o reconhecimento e a comunidade da cidade ganha em divulgação, criando oportunidades para outros trabalhos.

Figura 8 - Mestre do Vale do Jequitinhonha D. Izabel Mendes da Cunha Santana do Araçuai - MG



Fonte: Documentário A teimosia da Imaginação, Canal Curta, foto de Eduardo Sejanos

Dona Isabel é considerada pelos outros artistas do Vale do Jequitinhonha como a mestra. Isabel nasceu em 1924, zona rural de Itinga, e de acordo com o documentário “A teimosia da Imaginação”, exibido pelo Canal Curta, ainda pequena, aprendeu a trabalhar o barro com sua mãe. Criava potes, travessas e figuras de presépio, que seguiu produzindo mesmo depois de se casar, quando se mudou para Santana do Araçuaí, na mesma região. Trabalhando com muita dedicação, suas obras sempre foram muito bem-feitas e, por isso conseguiu boas vendas nas feiras das cidades vizinhas. Com a chegada de colecionadores, instituições governamentais e lojistas, D. Isabel se viu estimulada a retomar temas de sua infância, criando bonecas originais que foram prontamente valorizadas. Suas noivas, feitas em grandes formatos, marcaram definitivamente seu estilo. Sua disponibilidade para ensinar fez com ela se tornasse uma mestra de sua arte. Além de reverenciada por seu trabalho, era uma senhorinha muito querida por todos do Vale do Jequitinhonha. Sua arte influenciou grande parte da produção do Vale do Jequitinhonha. Os quase 30 integrantes da associação de Santana do Araçuaí aprenderam direta ou indiretamente com ela, elevando a cidade à condição de pólo produtor.

Em 2004, Dona Isabel foi premiada pela UNESCO, no ano seguinte recebeu a Ordem ao Mérito Cultural do governo federal, em reconhecimento a sua ação em favor da cultura brasileira. Coleções de peças dela são encontradas no Museu de Arte Contemporânea em Montparnasse – Paris. Faleceu em 2014 deixando seu legado, peças espalhadas no Brasil e no exterior, sendo atualmente reconhecida não apenas como mestre, mas ainda como pioneira na criação das bonecas. Sempre compartilhou seu conhecimento a todas as mulheres e companheiras da arte da cerâmica no Vale.

A seguir, (fig. 9 e 10) são peças criadas por D. Isabel expostas no Museu de Arte Contemporânea de Paris do qual teve início a sua projeção ao reconhecimento e Premiação UNESCO de artesanato para América Latina e Caribe.

Figura 9 - Bonecas produzidas por Dona Isabel. Exposição Histoire de Voir. Fundação Cartier-Paris 2012



Fonte: Noivas da seca, Lalada Dalglish.

Figura 10 - Peça no qual Dona Isabel ganhou prêmio da Unesco



Fonte: Noivas da Seca – Lalada Dalglish / Cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha, 2ªEd –São Paulo: Editora UNESP, São Paulo 2008

Outra artesã e artista de renome na região - Maria Lira Marques – Lira; entre o fazer da cerâmica se destaca também na música, pintura, contadora de histórias populares. Lira nos conta sua descendência indígena e africana e reconhece a presença forte em suas obras que lhe são peculiares, seja nas máscaras de cerâmica ou nas pinturas com os pigmentos naturais extraídos do barro e suas diferentes tonalidades. O modo como olha tudo em sua volta e os materiais que utiliza da própria natureza reflete em suas obras que nos falam e mostram a fauna, a flora e os ancestrais, presente na série - “Meus bichos do sertão” - Abaixo:

Figura 11 e 12 - Pintura com pigmento de barro – Lira Marques – Araçuaí/MG



Fonte: <https://artepopularbrasil.blogspot.com/2017/06/lira-marques.html>

Figura 13 - Lira Marques na Mostra – Meus bichos do sertão



Fonte: Foto Lori Figueiró

Para Lira, a região do Vale do Jequitinhonha tem o fazer artesanal há muitas décadas, no qual ela herdou muito dos familiares e principalmente sua mãe, mas foi no contato e na troca com estudantes universitários que o artesanato do Vale começou a ser reconhecido e valorizado. Sendo a própria associação criada com apoio da universidade católica. Para Lira as universidades também se tornaram espaço de troca, onde participa de conversas e aulas falando sobre seus processos criativos e toda sua trajetória. Foi através da universidade em Belo Horizonte que ganhou o título de Mestre artesã sendo homenageada. Lira reconhece que além das universidades é grata também por dona Joana Poteira, uma ceramista da região que lhe auxiliou com as técnicas. Com livros emprestados se inspirava nas imagens de mulheres e filósofos. Mas curiosa com suas origens indígenas e africanas buscou nos livros informações e daí surgiram experiências que hoje continuam ao vermos em seus trabalhos as referências de sua descendência e do povo do Vale do Jequitinhonha. Conforme Lira Marques: “Nosso povo é sofrido. Foi vendo esse sofrimento que fiz minha primeira peça (Pessoas brotando da terra que dá sustento ao Cruzeiro). Porque foi isso que vi, o povo pedindo, carregando água e pedras lá para o alto. Uma penitência”.

Figura 14 - Lira Marques – Participação Saberes Plurais / UFMG



Fonte: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/saberesplurais/artista/mestra-lira-marques>

Observamos que ao longo dos tempos ocorreram mudanças nos perfis das artesãs e das cerâmicas. As entrevistas de 2023 e observações nas cerâmicas são testemunhos do processo de conhecimento e refinamento das técnicas; isso um reflexo do grau de escolaridade e acesso às informações, como podemos observar nos relatos abaixo das artesãs Iza Matos e Maria Goreth Vieira, porém não abandonando o lado poético e simples da essência do povo do Vale.

A artesã Iza Matos de Itaobim em entrevista na Feira de Artesanato do Vale Jequitinhonha UFMG - 2023, conta que produz suas bonecas de cerâmica 100% artesanal e pintura natural, relata que hoje o acesso à informação e popularização da cerâmica do vale foi um divisor de água para o desenvolvimento da região, valorização da cerâmica pelos próprios moradores que hoje se orgulham de suas artesãs que tem reconhecimento nacional. Relatou também que o artesanato está atraindo o turismo para região sendo uma forma de pertencimento ao país que antes não ocorria, contribuindo para a expansão da cultura regional e popular. As pessoas buscam a região para conhecer o artesanato, a região e o modo de vida da população, difundindo para outras pessoas e atraindo o turismo. Dessa forma estão cada vez mais conhecidos.

Em relação às cerâmicas Iza conta que hoje se preocupam mais com os detalhes e refinamento mais delicados, mas sem deixar de lado a história do cotidiano da região, buscando informações para que não ocorra perda de material: na queima por exemplo, para não se quebrarem ou racharem e no manuseio do transporte adequado para não ocorrer quebra de peças. Conforme Iza Matos, aos poucos o perfil das artesãs está modificando devido a facilidade de informação e hoje as relações entre elas são de compartilhamento de conhecimento e agregação com a comunidade, centros culturais, museus, escolas, universidades o que permitiu a expansão da cultura do vale e o reconhecimento das mulheres da região como precursoras dessa expansão que teve início com a Dona Isabel referência a todas artistas e artesãs. Iza foi professora em Itaobim, deixando o magistério e hoje se dedica ao artesanato e realiza oficinas de cerâmica em seu próprio ateliê na região de Itaobim e cidades vizinhas. Atualmente recebe convites para participação em feiras, exposições, escolas, universidades, museus se sentindo realizada e valorizada.

Figura 15 e 16 – Obras de Iza Matos – Itaobim / MG



Fonte: Foto autoral. Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha 2023

Outra artesã que se sente realizada é Maria Goreth Vieira, também de Itaobim. Maria Goreth foi aluna de cerâmica de Iza Matos, graduada em letras e largou o magistério se dedicando ao fazer das cerâmicas. Começou seu trabalho na pandemia, mas toda vida teve vontade de aprender a manusear a cerâmica porque sempre gostou de artesanato e a pandemia foi uma oportunidade de ir para casa da Iza Matos para aprender com ela. Já fazia alguma peça e sempre teve muita vontade, mas como o tempo era escasso sendo professora e dona de casa não lhe sobrava tempo para dedicar a cerâmica. Só então na pandemia e depois de se aposentar foi realizar seu sonho que era quando manusear a cerâmica e hoje se sente plena e realizada. Conta ainda que a inspiração em suas peças é nas mulheres do Vale Jequitinhonha (mulheres que faziam biscoitos e doces, que cozinhavam no fogão a lenha. Quando na sua primeira participação de amostra de suas peças foi em Brasília em 2019, levando as peças regionais que representam o Vale de Jequitinhonha. Atualmente usa a literatura dentro das peças e bonecas. A literatura está muito presente nas bonecas, principalmente as histórias, contos e poesias de Cora Coralina. E outros escritores brasileiros presentes nas bonecas de retalhos, se identificando com eles. Tenta passar para a argila aquilo que estudou muitos anos atrás, há 30 anos. Maria Goreth usa a matéria-prima básica é a argila do barro retirado da própria região que na fala dela: “... ele já vem pronto e é uma riqueza da

região”. A artista se vê reconhecida hoje com o seu trabalho na cerâmica em apenas dois anos, e se sente muito gratificada em ser convidada para participar das exposições e feiras de artesanato no Brasil afora, representando sua região e história. Espero aos poucos alçar voos em cada etapa diferente e nova para ela. Gorete nos relata que como foi professora acha importante e possível relacionar o mexer da argila e o fazer da cerâmica com ensino e o aprendizado dentro da sala de aula, principalmente com a sustentabilidade, com a matemática; essencial na proporção, com a história relatando as raízes do regionalismo. Considera maravilhoso na geografia de onde é retirado o barro e seu manuseio, e no português/linguagens pode-se aprofundar dentro da literatura. Maria Goreth se empolga ao citar e relacionar a cerâmica com as possibilidades que permitem trabalhar todos os sentidos dentro da sala de aula. Como educadora ela hoje se vê como uma aluna e ainda tem muito a aprender do artesanato, “um aprender infinito”, fazer sempre, aprender, conviver e aprender a criar laços de amizade de um lugar com outros, com outros artesãos, conviver com o próximo, com os muitos artesãos/gente humildes que não tiveram acesso à cultura de conhecimento, porém são ricos culturalmente de suas próprias histórias, dos seus próprios saberes.

Figura 17 e 18 – Obras de Maria Goreth - Itaobim / MG



Fonte: Foto autoral. Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha 2023.

3.2 A transformação a partir da cerâmica

Ao tratarmos a arte popular e a relação com o mercado no estudo, levantamos questões sobre as narrativas a partir de um olhar das representações e manifestações significativas a partir da paixão das artesãs pelo que fazem – “com o mexer da lida com o barro”, conseguimos observar o modo de vida destas, através dos relatos das próprias artesãs, que demonstram tanto amor pelo barro, que transformam e moldam o mesmo com afinco e paixão. As artesãs ao revelarem suas experiências e vivências não se atém apenas a arte, uma vez que o ‘eu’ e a arte delas, e suas vidas estão direta e intimamente conectadas. Estas mulheres retratam suas vidas e sua cultura através da cerâmica e fazem da cerâmica a essência, o âmago de suas vidas. Percebemos que há em seus próprios conceitos e nas técnicas artísticas possibilidades de desenvolverem aptidões plásticas próprias em cada uma delas.

De um lado, artesãs, artistas e mestres de arte, cujo enfoque da aprendizagem se deu no cotidiano, fora dos muros da escola, pela via da técnica e do ofício, e para quem arte significa, sobretudo, uma forma de trabalho. De outro, artistas, intelectuais e consumidores das camadas médias urbanas, que perseguem veios de autenticidade, sonhando com a descoberta de um novo mundo, no qual a arte prescindia de toda intelectualidade e apresenta-se em estado puro: é a arte popular como um mundo de arte, nos quais há o encontro dos mundos tradicional e moderno, encontro este que por vezes se choca. O interesse e a conformação dessa arte estão conectados a uma intrincada rede, que articula fatores históricos, econômicos e sociais.

A noção de arte popular vigente no Brasil contemporâneo é produto de complexas dinâmicas locais, sobre as quais exerceram influência dos modos de ver e entender a arte, principalmente tendo-se em vista a influência dos fenômenos artísticos e culturais europeus do final do século XIX. Da metade do século XX até hoje, a arte popular tornou-se conhecida nos grandes centros urbanos do país. Inserida em um contexto de mudanças sociais amplas, alcançou as metrópoles e nesse percurso se resignificando. Nas capitais, chegou ao grande público através do mercado de artesanato, sendo visto como artefato cultural, ou seja, parte da cultura “tradicional” e do folclore. Como curiosidade típica e emblema nacional, passou a ser comercializada em larga escala pelo mercado do turismo. Pela via das

galerias de arte e antiquários, atingiu um público mais sofisticado, que procurava, nesse gênero de objetos, traços de ancestralidade, sinais de origem e marca da singularidade de grupos e da consciência e reflexão individual dos seus autores. Nesse âmbito, veio a concorrer com outros tipos de objetos, com os quais disputava o reconhecimento como “arte”. A partir de sua qualificação como “arte popular brasileira”, passou a ser divulgada em museus e instituições congêneres, ganhando projeção nacional como manifestação cultural significativa para a vida do país. A estética dessa arte específica, embora seja apresentada como arte coletiva coloca em destaque algumas artistas e sob o prisma da arte e não mais folclore, esses integrantes de camadas populares passaram a ser vistos como autores, indivíduos com características próprias e pensamento original. Nessa conjuntura, os debates de alteridade e os movimentos de contracultura, a valorização da diversidade cultural foram estimuladas e conseqüentemente ampliaram-se os limites do que se podia ser considerado arte e sobre quem poderia ser reconhecido como artista. (MASCELANI, 2008). Mascelani, aponta ainda a história da arte popular brasileira e de seus artistas, mostra os mesmos como um tipo de produção, assistida regionalmente – localmente como utensílio, brinquedo ou objeto de devoção – passa a ser percebido como “arte” no âmbito das exposições e museus, por meio de sucessivas reapropriações, através das quais se distingue das obras de uso diário, das antiguidades, do artefato etnográfico, da indústria de massa, da curiosidade, do folclore e do artesanato.

Embora o conceito de arte seja amplamente flexível, inclusive suficientemente a ponto de permitir que esse gênero seja considerado como uma de suas formas possíveis, a produção quase nunca é entendida plenamente como arte. Na maioria das vezes, é compreendida como arte subalterna em relação às artes elitizadas, algo que consideramos necessitar do reconhecimento regional das atividades destas artistas, para que haja valor artístico e conseqüentemente valor material. Quando olhamos para esse gênero, marginalizado no sistema da arte e cultura dominantes, podemos ver com clareza a dimensão coletiva que se faz presente em qualquer processo de consagração artística. Para que um objeto seja tomado como obra de arte, muitos indivíduos atuam; do fornecedor de matéria-prima, os artesãos e ajudantes, os encarregados de comercialização, os consumidores, as empresas de transportes, os funcionários do museu, apoio técnico, crítico, colecionadores e estudiosos. A paixão das artesãs pela região e pelo barro, do ponto de vista da

semiótica, entendem-se como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito e transformam suas vidas. É aquilo que move o sujeito, e no contexto aqui em foco: o que move as artesãs. O sentimento está relacionado ao orgulho de se sentir representadas, qualificadas, reconhecidas e valorizadas.

As artesãs passaram a ser a gerenciadoras de suas produções e conquistando espaços. Desde a retirada do barro/argila do barranco as produções das peças, queima, venda, transporte, divulgação, problemas, soluções do mercado e legislação (artesanato, desde que transportado pela própria artesã, é isento de tributos. Contudo, se são transportados por outros, cada estado brasileiro mantém uma legislação diferente. Em Minas Gerais, Ceará e Rio Grande do Norte, os artesãos são isentos. No Rio pagam 12%, enquanto na Bahia 18%). Conforme Ângela Masceleni - Caminhos da Arte Popular - e depoimentos de artesãs entrevistadas comparam o comércio na venda dos seus produtos como artesanato no qual é mais lucrativo para elas:

Para vender mais é artesanato. E você acha que artesanato é arte também? É, porque é uma coisa que a gente inventou e faz manual, uma coisa que a gente faz com o barro, que, às vezes vendo uma pessoa que não conhece, ferver o barro.

Igual nós pegamos o barro lá, e trazer uma peça dessa depois, ela prontinha e queimada, só pode ser arte mesmo”.

Depoimento de artesã – Caminho da Arte Popular
(MASCELANI,2008)

As peças de cerâmica das artesãs do vale são hoje encontradas em museus, exposições, centros culturais, bem como em lojas especializadas em arte popular. Algo que não aconteceu de maneira fácil, devido à perseverança e coragem das mulheres que necessitavam de fonte de renda e foram em busca. Conforme se constata na fala da artesã Anísia: “A gente levava na carroceria do caminhão. Arrumava nos balaios e levava às vezes na cabeça lá de Campo Alegre até no asfalto, “pra” pegar o caminhão. O caminhão passava lá de madrugada”.

As peças produzidas por elas sofrem algumas influências indígenas como as próprias artesãs relatam dos povos que habitaram e ainda poucos habitam como os Maxakali, Xakriabá, Krenak, Aranã, Mukuriñ, Pataxó, Pankararu e encontramos nas peças representações bem próximas as culturas deles. As peças em sua maioria são

representadas em forma de gente, bonecas e animais como o peixe-boi, sapo-boi, em forma de cabeçadas, gêmeas siamesas, vasos com rostos, máscaras e cirandas. Formas que além de influências retratam parte do cotidiano da região e do imaginário delas, representando por assim dizer a arte popular do Vale do Jequitinhonha. Com o barro / argila as mulheres descobrem um novo rumo para si e em conhecimentos, assimilam todo processo de produção e que envolve as etapas. Assim nos conta Zezinha – Campo dos Buritis:

O barro tem que ser retirado e tratado, socado na gangorra e finalmente amassado, até se transformar em uma pasta que deve ter uma consistência perfeita para modelar a peça e dar o acabamento. Depois disso, pintada com corantes naturais e queimada em forno a lenha.

Percebemos a presença dos elementos naturais: terra, água, ar e fogo. A argila do barro é composta de caulim, feldspato e cianita, com ela também se erguem casas, pintam-se muros, constroem-se fornos, fazem-se panelas, potes e água e peças de cerâmica das artistas. A argila do barro promoveu um novo tempo no Vale do Jequitinhonha, calcado nas técnicas ancestrais indígenas cujo manuseio vai sendo passado de geração em geração pelas mulheres, elas escolhem o barro, constroem o próprio forno para queimar as peças, usando a água do barro como tinta: Tabatinga e Tauá. Com a cerâmica as mulheres assumem um lugar central na economia familiar, desse modo a atuação parte de dois lados, do desejo local de crescer e mudar o modo de vida. Existe uma conexão de reconhecimento de valor artístico e o interesse de mudança destas mulheres em suas vidas. Antes de ocupar a atual posição social na comunidade, onde eram conhecidas por Viúvas da Seca, ao assumir esse novo papel no vale se tornaram as Noivas da Seca. (COSTA, 2007).

3.3 Transmissão do saber popular por gerações

Na (fig.19) temos a ceramista de 68 anos, Rita Gomes Lopes, que aprendeu a arte com a mãe, sua mãe Paulina, hoje com 89 sempre diz: “Eu sempre trabalhei com cerâmica. Tenho 8 filhos e 9 netos e a minha vida toda foi vivida na cerâmica”. Ao seu lado vemos a filha Georgina Gomes de Souza, ambas da Associação de Campo Alegre. “Gosto de fazer galinhas com flores. São minhas preferidas”. Esse relato exemplifica o trabalho entre gerações.

Figura 19 - Rita Gomes e Filha Georgina Gomes na Associação dos Artesãos de Campo Alegre



Fonte: Revista Viver Minas – A arte que vem do barro, mãe e filha ceramistas. Rita e Georgina.

É evidenciada através da fala das artesãs uma construção da realidade através da linguagem, elas se apropriam dos instantes de suas vidas para em seguida imortalizar em suas obras: o Barro, a química da água, a percepção de tudo o que está entre as mãos, a vida. Uma espécie de espelho íntimo onde estão representados os desejos e as esperanças de ir do ontem e do hoje. Trata-se de um ato de perpetuação, de construção de um mundo que surge do interior profundo para fora, conforme MOURA (2016).

Nota-se essa perpetuação e construção na fala da artesã e da artista Deuzani Gomes dos Santos: Aprendi com minha mãe. A gente tira o barro e cada tipo, depois de queimado, dá uma cor: o preto fica branco, o amarelo fica vermelho e o verde fica marrom. Aí a gente vai misturando. Quero muito que minhas filhas aprendam a fazer, porque trabalhar para os outros é muito difícil e o barro deixa a gente mais independente e assim feliz.

Figura 20 e 21 - Deuzani Gomes trabalhando o barro bruto e a queima das peças



Fonte: Do barro à arte. Vivejar

Figura 22 – Artesã do Vale do Jequitinhonha Deuzani Gomes / Minas Nova



Fonte: Do barro à arte. Vivejar

Essa ideia de manter a história por meio da família, passando a experiência de mãe para filha, nos permite dialogar com os pensamentos afirmando que a paixão do sujeito (as mulheres do Vale), pode resultar de um “fazer” e o “entusiasmo” ou o “desespero que o leva ao “fazer” potencial, no momento da própria paixão do “fazer”. Essas mulheres representam o começo e exploram as possibilidades, algo que se tornou uma paixão ou encantamento, de forma que fique perceptível em seus próprios discursos. A fala inclusa no discurso das artesãs, podem ser consideradas como um ato (ato de linguagens), no sentido em que se fala: o fazer de sujeito

apaixonado, o de sujeito discursivo e a interferência do discurso de acolhida da vida enquanto tal, ainda, da forma que lhe infligiu tal paixão. A análise dessa paixão de mexer e se envolver com o barro revela-se como o encadeamento de um fazer, manipular, seduzir, investigar e encenar sobre a família, ou seja, encadeia interesse na continuidade da produção.

Outra entrevista no âmbito familiar foi com Margarida Pereira, Rosana Pereira, marcando a presença de três gerações atuais. Margarida nos conta que seu pai - Ulisses também foi artesão pioneiro e de grande renome junto à família e uma referência em Icarai. Margarida nos conta que aprendeu com o pai, e ela ensinou à filha Rosana Pereira que por sua vez ensinou a pequena Nicole Pereira, sua filha. As peças da família Pereira têm características e estilos bem próprios, sendo bem marcantes e fácil de identificá-las. São zooantropomorfas, fantasiosas, mitológicas e encantadas que marcam a família com seu estilo próprio. Margarida relata que ela e Rosana, sua filha, trabalham juntas.

O trabalho é planejado e dividido entre elas: Dia de buscar barro / argila, o dia para amassar o barro, o dia para a modelagem, o dia para a queima. Dividido entre a família e a mais nova membro é a pequena Nicole de seis anos que começou como brincadeira fazendo joaninhas e hoje são expostas e vendidas nas feiras.

Figura 23, 24 e 25 - Transmissão de conhecimento / Três Geração – Margarida Pereira, Rosana Pereira e Nicole Pereira (mãe, filha e neta)



Fonte: - Feira de Artesanato do Vale do Jequitinhonha-UFMG -Foto Auxiliadora M.Fernandes



Fonte: Reprodução Postal Saberes Populares – Feira de artesanato do Vale do Jequitinhonha – UFMG

4 O RECONHECIMENTO

Para melhor entendermos a relação entre artesã, comunidade, mercado e reconhecimentos dos seus trabalhos foi considerado o principal ponto de partida as falas das próprias artesãs. A princípio nota-se uma timidez por um número menor que em anos anteriores. Outras já se consideram reconhecidas e donas dos seus próprios pensamentos e fazeres. Na fala delas, tal reconhecimento foi árduo e ainda persiste, porém com muita perseverança, luta, trabalho, solidariedade entre si insiste para serem reconhecidas por seus trabalhos cada vez mais.

Na sociedade de consumo, o número de intermediários aumentou a partir da aparição das figuras de mercado, do colecionador e da especulação sobre o produto da obra, formando-se assim uma rede de comunicação, em outras palavras, um sistema que a princípio serviria de entrada para o reconhecimento da obra em si. Se a comunicação fornece à sociedade uma ligação indispensável ao seu funcionamento, o papel da linguagem no seu exercício torna-se dominante. É pela linguagem que se estruturam não apenas os grupos humanos, mas a apreensão das realidades exteriores, a visão do mundo, a sua percepção e conseqüentemente sua organização. A rede de relações que se estabelece por vez, determina, constrói e aproxima um mundo. Servindo-se da linguagem comum, observamos entre as ceramistas a aproximação entre si estabelecendo essa linguagem de comunicação determinando assim um campo de ações possíveis. As intenções das ceramistas nos seus sentidos de vontades ou desejos próprios, utilizam da linguagem transmitindo o conhecimento e solidariedade de uma com a outra. Percebemos a construção cultural da história de vida destas artesãs representados na criação de seus artefatos, faz parte da realidade objetiva – realidade de vida – numa linguagem direta que utiliza do modo de vida vivenciado por elas, trabalhos que podem aumentar o desejo de compra ao comunicar diretamente com as vontades das pessoas em conhecer a vida destas mulheres, modifica a nossa visão diante desta realidade. Constroem pouco a pouco outro mundo a partir de registros artesanais. Conquistando o reconhecimento como artesãs, mulheres, trabalhadoras, mantenedoras de seus lares e filhos com dignidade e realizadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos revela a esperança, a transformação na vida das mulheres e o reconhecimento da arte popular feita pelas mulheres do vale, algo que modificou a realidade de carência financeira vivida por elas e que ainda modificam a partir do artesanato produzido – destacando a riqueza natural e cultural e histórica da região através da cerâmica. A cerâmica das mulheres do vale contribui para a divulgação da arte popular do vale promovendo o reconhecimento das artesãs e geração de renda efetiva e contínua. A cerâmica permitiu uma construção coletiva; a incorporação dos valores modernos de genialidade e individualidade à produção de participantes das camadas mais simples; o reconhecimento e a valorização do papel dessas artesãs na preservação dos saberes populares; possibilitou formas de cooperação entre grupos socioeconômicos e culturais distintos; uma vez que a produção nesta situação nunca é consumida internamente, mas sim por outro público, oriundos das camadas sociais médias e altas; o associativismo no Vale do Jequitinhonha, uma das práticas que vem crescendo e fortalecendo a união do grupo das artesãs. Conseqüentemente tudo isso contribui surgindo oportunidades, melhor organização para suas atividades comerciais. Quanto a cerâmica alcança melhorias como: aquisição de terrenos para a retirada do barro e compra de fornos, garantindo dessa forma a transmissão dos saberes cerâmicos, buscar apoio de entidades corporativas e organizações governamentais e não governamentais.

Mantendo o incentivo à prática do associativismo por meio de ações como o estímulo à inserção maior das associações no mercado, investi em embalagens mais resistentes para o transporte das obras, investir na criação e composição de uma identidade visual (marca própria) através de cartões, etiquetas, embrulhos, custo dos aprimoramentos técnicos entre outros. Conquista da legitimidade da obra incorporada nas mesmas, quando as artesãs reconhecem a importância assinarem suas obras para discernirmos com precisão a autoria; estabelecendo, portanto, relações mais abstratas entre as pessoas estendendo o seu cenário no qual suas obras estão inseridas para o público que irão absorver suas obras. Foi possível também estabelecer parcerias que promovam eventos em escolas, universidades, feiras, exposição conexão com os museus Centro de Arte Popular / CAP e do Memorial Minas Gerais Vale referência em arte popular do Jequitinhonha que

possuem exposição permanente da Arte popular do Vale do Jequitinhonha e temporárias. A partir da cerâmica começaram a ofertar oficinas de cerâmica sendo professoras e reconhecidas como “mestras” da arte popular.

A arte do barro é fruto de uma construção coletiva de saberes desenvolvido por anos e anos, tornando-se patrimônio das comunidades que a produzem. Na grande maioria das vezes a riqueza cultural desse produto coletivo vem beneficiando não apenas as artesãs da cerâmica, mas também as comunidades em que residem, agregando para a herança cultural do povo e a arte popular do Vale do Jequitinhonha. O Vale do Jequitinhonha começou a ser reconhecido nacional e internacionalmente devido a sua forma de produção da cerâmica ser ímpar. Esse destaque do tipo de cerâmica na região permitiu o reconhecimento cultural das artesãs, por ser um trabalho que caracteriza suas raízes desde o material usado ao modo de criar.

No decorrer das informativas sobre a cerâmica do Vale do Jequitinhonha, percebemos a importância em se usufruir do poder poético que a arte do Vale do Jequitinhonha oferece, não apenas pela sua atração, mas pelo valor estético das peças, a cerâmica representa para elas a promoção de um novo tempo e o lugar social que elas ocupam. Quanto ao fato de serem chamadas de artesãs, e não de artistas, há um antecedente que se deve levar em conta. É por meio dessa classificação que elas se dedicam a esse gênero de atividade no qual são reconhecidas frente às instituições, às ações governamentais e aos costumes, porém precisam ser “apresentados” para a comunidade, de forma que a própria sociedade local reconheça a artesã local como artista como algumas gostariam, mesmo que essa denominação não distinga por vezes um olhar poético entre peça e obra / ou artesã e artista.

A cerâmica do vale predominantemente feminino, leva-nos a conhecer, por meio de suas formas e temáticas, a realidade cotidiana das mulheres do vale, marcada por muita luta e êxodos, mas também, por alegrias, beleza e muita sensibilidade. São mulheres que se tornaram as protagonistas de suas histórias e emancipação histórica, social e cultural por meio da cerâmica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, FL., Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes Visuais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ANDRADE, Mário. O baile das quatro artes. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1938.

ARTE ARTESANATO - Origem da cerâmica. UFMG/EBA – Disponível em <https://eba.ufmg.br/bibliobelas/index.php/2022/07/a-origem-da-ceramica/>
Acesso em: 27 maio de 2023

AZEVEDO, Marco Antônio. Informação e segurança pública: a construção do conhecimento social em um ambiente comunitário. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. UFMG: Belo Horizonte, 2006.

SAGARANA. Artesãs do Vale do Jequitinhonha. 2013. Arquivo Arte Mineira Sagarana Disponível em: <https://revistasagarana.com.br/edicao/sagarana/arte-mineira/>
Acesso em: 06 junho de 2023

ARTEPOPULARDOBRASIL-Zezinha. Disponível em: [http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/search label/zezinha?m=1](http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/search%20label%3Azezinha%3Fm%3D1) Acesso em: 10 junho de 2023

ARTEQUEVEMDOBARRO.RevistaViver-Disponível:
[http://viverminas.com.br/plu / módulos/listas/?tac=noticias-imprimir&id=358](http://viverminas.com.br/plu/m%C3%B3dulos/listas/?tac=noticias-imprimir&id=358)
Acesso em: 10 dezembro 2022

ARTESANATO EM BARRO – Jequitinhonha – Coqueiro Grande . Produção: Luis Molinari. Vídeo documentário. 49min22s. Disponível em:
<https://youtube.be/gb4NwSc3IPO>
Acesso em : 14 de outubro de 2017

ARTESÃS DAS BONECAS DE TERRACOTA – Produção: Empresa Anchor Comunicação. Vídeo documentário. 9min44s. Disponível em:
<https://youtube.be/baAQrv8agJo> Acesso em : 10 junho de 2017

BANDEIRA, Tadeu. Crônicas de Noemisa: 50 Anos de cerâmica. Centro de Arte Popular Cemig, 2017.

DALGLIS, Lalada. Noivas da seca: Cerâmica Popular do Vale do Jequitinhonha. 1 Ed. São Paulo: Unesp 2006.
DOBARRO ARTE. Vivejar, Experiência que transforma. 2013
Disponível em: <http://vivejar.com.br/pt/pagina-inicial/>

Acesso em: 24 abril 2023

DO PÓ DA TERRA: Direção Mauricio Nahas. Produção Notorius Films. Longa documentário. 1:19 min. Disponível em Now Canal/TV.

DO PÓ DA TERRA. Direção: Diógenes Moura e Produção Metropolis. Reportagem com Mauricio Nahas. 25.11.2015. Vídeo documentário. 3min44s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NugXDy2uh5g>. Acesso em: 01 janeiro 2023

EXPOSIÇÃO MULHER ARTES BRASILEIRA. Ano 2013. Disponível em: www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/08/25/internas_economia,439528/artesãs-mineiras-são-escolhidas-para-apresentar-pecas-sede-da-onu-em-ny.sh Acesso em: 08 agosto de 2022

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. Humano. Vales de Minas Gerais: Cidades do Jequitinhonha e Mucuri têm IDHMs mais baixos de MG. Disponível em: g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2013/08/cidades-do-jequitinhonha-e-mucuri-tem-idhms-mais-baixos-de-mg.html Acesso em: 25 março de 2022

LEVI, Claude Strauss. A oleira ciumenta. Editora Brasiliense. São Paulo, 1986.

MASCELANI, Angela. Caminhos da arte popular: O vale do Jequitinhonha. Rio de Janeiro: Museu Casa do Pontal, 2008.

MATTOS, Sonia Missagia. Mão Criadoras de Vida: Ceramistas do Vale do Jequitinhonha. Revista Habitus. Goiânia, v.5, n.1, p. 187, jan/jun., 2007.

MÃOS MOLDES – IZABEL MENDES DA CUNHA Documentário: Direção e Produção Hilton Lacerda, 2009. 10min20s. Disponível em: <https://youtube/pzrDZ> Acesso em: 08 dezembro de 2021

METRÓPOLES: Do pó da terra. Direção e Produção Metropolis. Reportagem com Mauricio Nahas. 25.11.2015. Vídeo documentário. 3:44min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NugXDy2uh5g>. Acesso em: 7 outubro de 2022

MUSEU AFROBRASIL. "Do pó a terra": Arte produzida no Vale do Jequitinhonha, uma das regiões mais pobres do país, é tema da exposição de fotografias de Mauricio Nahas. 12.11.2015. Portal do Governo Secretaria da Cultura Museu AfroBrasil. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/prol.org.br/programacao.cultural/exposicoes/temporarias/detalhe?title=+%22Do+P%C3%B3+da+Terra%E2%80%9D> Acesso em: 7 outubro de 2022

NAHAS, Mauricio. Do pó da Terra. 1 Ed. São Paulo: IPSIS Gráfica e Editora, 2016. O TEMPO MAGAZINE. Um olhar sobre os artesãos do Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <www.otempo.com.br/magazine/1-olhar-sobre-os-artesãos-do-vale-do-jequitinhonha-1.1384744> Acesso em: 15 outubro de 2022

O TEMPO MAGAZINE. Um olhar sobre os artesãos do Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <www.otempo.com.br/magazine/1-olhar-sobre-os-artesãos-do-vale-do-jequitinhonha-1.1384744> Acesso em: 8 novembro de 2022

PORTAL VALE DO JEQUITINHONHA. Transformando o barro em sonhos. Portal Polo Jequitinhonha. Proex: UFMG, 2015. Disponível em: <<https://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/Noticias/Transformando-barro-em-sonhos>>. Acesso em: 8 novembro de 2022

SCHMIDT, Paulo; MANSUR, Daniel. Arte no vale do Jequitinhonha: Coleção Priscila Freire. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2013.